

história, memória e invenção | acácio augusto*

Javier Cercas. *Soldados de Salamina*. São Paulo, Ed. Globo, 2002, 241 pp.

Frank Mintz (org.). *Autogestão e Anarquia*. São Paulo, Ed. Imaginário, 2002, 95 pp.

A Guerra Civil Espanhola certamente é um acontecimento que causa fascínio. Se esquecido em seus detalhes por muitos, há também uma enorme produção que a ele faz referências: livros de literatura a estudos históricos, filmes, quadros, documentários, compilação de documentos, conferências... Um vasto exercício de memória e invenção é feito em relação aos acontecimentos ocorridos na Espanha de 1936 a 1939. O que dizer, então, de dois livros que têm como eixo este mesmo período, mas trazem abordagens completamente diferentes?

Autogestão e Anarquismo, uma compilação de três artigos, escritos há trinta anos por Gaston Leval, René Berthier e Frank Mintz, trata das experiências autogestionárias levadas a cabo pelos trabalhadores filiados à C.N.T. em meio à guerra. Como diz em sua apresentação “os três textos articulam-se de maneira complementar” (p. 7).

O primeiro, de Gaston Leval, trata das referências teóricas, desde Proudhon, que nortearam a ação dos grupos anarquistas na Espanha, ressaltando o caráter construtivo, ou melhor, de negação e afirmação das análises desenvolvida pelos anarquistas. O texto de René Berthier busca reconstruir a concepção de autogestão

* Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

no seio do movimento anarco-sindicalista, apontada por ele, trinta anos depois da experiência espanhola como alvo de distorções. Para ele as federações, as uniões regionais, os comitês, os sindicatos, eram os organismos e associações que compunham a produção e a organização social para a realização da autogestão. Mintz recorre às contradições internas, talvez tentando observar os erros cometidos na Guerra Civil, que fizeram o projeto de uma nova sociedade dos anarquistas espanhóis ter sido derrotado pelos fascistas. O autor mostra como alguns membros da C.N.T. chegam a associar-se ao governo republicano — como é o caso de Garcia Óliver — com o objetivo de compor uma frente antifascista. Agindo desta maneira entram em contradição com os princípios anarquistas e, inclusive, com a base do movimento sindical e grupos anarquistas dentro da própria C.N.T., como por exemplo “Os Amigos de Durruti”.

Autogestão e Anarquismo é um exercício de memória e articulação das análises anarquistas sobre a sociedade, interessado nas experiências vividas pelos anarquistas em meio aos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola. Recorrendo a registros históricos, arquivos e documentos da C.N.T., os textos nos permitem perceber a importância da discussão desses acontecimentos para o anarquismo contemporâneo.

Soldados de Salamina é um exercício de invenção. Javier Cercas chama de narrativa real. No livro, quem narra a história de Sánchez Mazas é Javier Cercas, mas não o Javier Cercas autor, como ele mesmo diz em entrevista ao “El país”, um Javier elevado a enésima potência. Javier Cercas autor escreve como Javier Cercas personagem escreve sobre Sánchez Mazas. E é Javier Cercas personagem, duplo do autor, que vive a inquietação de escrever um livro a partir do inesperado, do disparate, que faz com que Sánchez Mazas, importante

figura do cenário fascista, sob a mira de um republicano, seja por este poupado. Portanto, não é um livro sobre a vida de um falangista, talvez possa até ser um livro sobre histórias de guerra que a História não capta, presente, por exemplo, na figura de Miralles, personagem importante que aparece no magnífico final do livro. Mas é sobretudo um livro sobre Javier Cercas, personagem e autor, um autor que inventa um personagem como máscara dele próprio para desnudar suas inquietações de escritor, eu que se torna outros. Neste sentido, inventa situações e personagens para poder trabalhar os elementos reais e dar curso à sua narrativa, já que o que interessa não é afirmar verdades, e sim contar uma história.

Forma-se então um jogo entre ficção e realidade. A guerra existiu, Sánchez Mazas também, a história do fuzilamento é real. Em meio à Guerra Civil Espanhola com os nacionais a ponto de vencer, um republicano decide poupar a vida de um membro do alto escalão da Falange. Um dos responsáveis por todo o conflito, amigo pessoal de Primo de Rivera, é posto totalmente indefeso frente a frente com um republicano que poderia naquele momento acabar com sua vida, e este não atira e nem o denuncia. O que levou o republicano desconhecido a tomar esta atitude?

A maneira como o Javier-autor relata a história da batalha, e mais ainda, como o Javier-personagem busca solucionar esta inquietação que o leva a querer escrever um livro, é surpreendente. Sua escrita transita por acasos, encontros e desencontros, vislumbra o inesperado.

Uma entrevista, uma mulher, telefonemas, almoços, outra entrevista, inúmeros telefonemas. Tudo: partida e chegada, começo e retorno, e sempre *adiante adian-*

te... Uma busca, um deslizar-história. Vinculada a um episódio ocorrido com Sánchez Mazas, um dos personagens mais importantes da história da Guerra Civil Espanhola e da própria história da Espanha.

Hans Magnus Enzensberger em seu romance *O Curto Verão da Anarquia*, apresenta a *história como ficção coletiva*, nome dado ao *primeiro comentário* que faz no seu livro sobre a vida de Durruti. Chama a atenção para a importância da narrativa-história oral ao contar a vida de Durruti. Há neste sentido um trecho que merece ser lembrado no livro de Enzensberger: “A História é uma invenção para qual a realidade fornece os elementos. Não é, porém, uma invenção arbitrária. A curiosidade que desperta se baseia no interesse dos que a narram; permite àquele que a escuta reconhecer e determinar melhor seus próprios referenciais como também os de seus inimigos”¹. A importância de Durruti na Guerra Civil Espanhola é indiscutível, e o livro que Enzensberger escreve sobre sua trajetória nesta guerra é um dos mais belos sobre o tema e poderia ser reeditado, já que se encontra esgotado. O trajeto que faz Javier Cercas é parecido. Sánchez Mazas é um personagem histórico, e sua história tem como ponto de partida um depoimento oral. Juntar estes depoimentos para compor a história é como um trabalho de bricolagem, que requer grande inventividade.

Nestes dois livros encontramos duas maneiras de fazer História: uma como memória e outra que agrega à memória, a invenção. *Autogestão e Anarquismo* recorre aos arquivos, *Soldados de Salamina* à memória das pessoas e à inventividade de Javier Cercas (ambos, autor e personagem). Memória e invenção como elementos não excludentes, sempre misturados. A vida, vivida no seu dia-a-dia, sobretudo em meio a guerra, será sempre submetida ao inesperado.

Nota

¹ Hans Magnus Enzensberger. *O Curto Verão da Anarquia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 16.

o anarquismo hedonista de michel onfray

sílvia gallo*

Michel Onfray. *A Política do Rebelde — tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001, 291 pp.

Michel Onfray é professor de filosofia num liceu técnico da cidade medieval de Argentan, na França. Doutorou-se em Filosofia e se especializou em resgatar o hedonismo, uma perspectiva filosófica que desde a antiguidade grega defende que a vida humana deve constituir-se, sobretudo, na busca do prazer.

Como toda uma geração da filosofia francesa contemporânea, Onfray foi e é profundamente influenciado por Nietzsche. A influência do filósofo alemão e do hedonismo antigo é evidente em seus livros publicados no Brasil: *A Escultura de Si* trata da ética hedonista. Parte da máxima grega de que é preciso “fazer de sua vida uma obra de arte”, retomada contemporaneamente por Nietzsche e Foucault, para demarcar a aceitação do caráter trágico da existência humana e a necessidade de superação do nihilismo contemporâneo. *O Ventre dos*

* Doutor em Filosofia da Educação, Professor Assistente-Doutor no Depto. de Filosofia e História da Educação da FE-Unicamp e Professor Titular da Faculdade de Filosofia, História e Letras da Unimep.